

Catullo e João Pernambuco

Quem se detiver um dia estudando a personalidade de Catullo da Paixão Cearense, encontrará dois poetas: o Catullo das "modinhas" e o Catullo "sertanejo".

O Catullo das modinhas appareceu por volta de 1895, bigodes negros, collarinho de gomma, gravata de mola e paletot de alpaca, dedilhando o pinho em soirées familiares de suburbio, onde as salas de visitas eram ornamentadas com recortes bizarros de papel de seda, e uma moringa vestida de renda dormia sobre uma mesa recoberta de tarlatana.

Quando Lima Barreto escreveu o *Triste Fim de Polycarpo Quaresma*, Catullo incendiava o sertão carioca, fazendo fremir os corações das mocinhas incomprehendidas do Engenho de Dentro, Piedade, Cascadura e Linha Auxiliar com os seus cantos ao violão, muito mais populares nesse tempo do que qualquer samba em nossos dias. Elle é, no romance anti-florianista de Lima Barreto, o Ricardo Coração-dos-outros. Nessa primeira phase da sua vida, ninguem o pintou melhor.

Em 1895, a modinha mais celebre de Catullo era uma que principiava deste geito:

Vê que amenidade
que serenidade
tem a noite em melo
quando em brando enlelo
vem lenir o selo
de algum trovador!

Catullo suspirava cantando, e as mocinhas que o ouviam suspiravam tambem. "Ai! que suavidade! que mimo! que sentimento!"

Uma dellas, que varias vezes o escutára nos suburbios, levou-o certo dia a um irmão, caixeiro de livraria no centro da cidade. E esse irmão, seresteiro, recitador de Casimiro de Abreu, de Castro Alves e de poetas portuguezes em assembléas theatraes de amadores, entusiasmou-se pelo vate da modinha.

— Vou falar a meu chefe para editar um livro seu, amigo Catullo!

— E elle editará mesmo, seu Zé de Mattos? Isso seria a gloria, a celebridade, a immortalidade! Victor Hugo, ao iniciar a sua carreira...

Arrebatado, all mesmo compoz uma modinha. Catullo sempre foi homem de exageros. Eu sou seu amigo, embora elle pense que não. E aprecio-o muito, embora elle duvide disso. Algum tempo constituiu meu encanto e meu privilegio estar longas horas a seu lado, ouvindo-o e admirando-o. A sua quesilia commigo provem de que elle, como critica aos seus versos, ruins que sejam, só admitta o epinício, o encomio, a ode pindárica de louvor. E eu não o posso louvar como elle quer, pois não sinto que elle seja, de facto, como abertamente declara, o maior poeta do mundo, depois de Virgílio.

Essa moça que o apresentou, pelos noventas do seculo passado, a um irmão caixeiro de livraria, lançou-o, na realidade, perante o grande publico. Chamou-se "Cancioneiro popular" a sua primeira collectanea de rimas, editada pela Livraria Quaresma.

Quando, muitos annos depois, saíram os "Novos Cantares", Catullo era mais conhecido, no Brasil, do que a moeda nacional. Effectivamente, grande numero de pessoas humildes que raras vezes travavam conhecimento com os emblemas da circulação fiduciaria do Thesouro, sabiam de cor as suas modinhas e entoavam, com a voz estrangulada de emoção, os versos dedicados por elle a Theodora, a sua Nathercia de

ébano:

Caía sobre a tua campã,
leves, brancos, abstersos,
este punhado de versos...

Mas a grande, a enorme, a in-crível popularidade de Catullo, veiu de uma modinha que ainda hoje canta em minha memoria. "Talento e Formosura". Essa modinha e uma outra "Hontem ao luar" marcam o apice da sua carreira como interprete do sentimento popular carioca. Digo carioca e não brasileiro, porque as modinhas daquí não têm nada que vêr com os bellissimos côcos e toadas do Norte que João Pernambuco trouxe consigo por volta de 1908, e que Catullo, a seu lado, vulgarizou.

Poeta espontaneo, singelo, todo emoção, Catullo passou dos suburbios á cidade e impoz o violão em toda a parte; acordou na alma do povo fibras adormecidas de puro sentimento poetico; foi grande e verdadeiro numa época de chocho parnasianismo, em que os literatos brasileiros de maior fama (Bilac, Alberto de Oliveira, Murat, Guimarães Passos) em vez de serem elles-mesmos, copiavam applicadamente, com a lingua de fóra, os figurinos francezes de Heredia e Leconte de Lisle.

Mas isso não quer dizer que Catullo não admirasse os parnasianos. Admirava. Queria mesmo, no fundo, ser tambem parnasiano. Era um poeta popular contra a sua propria vontade. Os versos saiam-lhe com essa impressão digital de tocador de violão que o fazia, por vezes, desgostar-se de si mesmo. Chegou a fabricar sonetos. E duma vez não se conteve: traduziu, para cantar com toada de modinha, uma poesia de Leconte de Lisle "A Fonte" (conferir na "Lyra dos Sallões") accrescentando-lhe, de sua lavra, duas estrophes. Talvez que a nenhum inimigo do ptreo autor do "Kain" occorresse semelhante pilheria. Para o bom Catullo, todavia, isso não foi pilheria: foi homenagem. Ah! quanto não daria elle (ingenuo!) para escrever um soneto igual aos de Alberto de Oliveira!

Ora havia naquelle tempo (1907-8) uma celebre fabrica de instrumentos na rua da Alfandega. All se reuniam João Pernambuco, Quincas Laranjeira, Anacleto de Medeiros, Luiz de Souza, Irineu de Almeida e outros tocadores em evidencia. E dali partiu certo dia, ao encontro de Catullo, (levado pelo Mirandella) o n. 1 dessa lista notavel de seresteiros, ainda hoje vivo e de boa saúde.

Conversa vae, conversa vem, e Pernambuco, tshiperando o pinho, cantou uma toada que trouxera do Norte:

Nêga você mi dá
ótia!
Nêga você não dá não,
ótia!
Nêga si ocê não mi dá,
entra na faca, na madeira, no
[quicé!

Barbosa Lima,
seu Custóvo Zé de Mello,
O lêlé balava a trança
que inventou guarda locá.
Si o dente imbica
a faca infínica
o sangue pula
quando o nêgo si arreputa
lá vae madeira para lá.

Nascido no Maranhão e tendo vindo pequeno para o Rio, Catullo nada conhecia da flora, da fauna e dos costumes do Norte. Nunca lá voltára (nunca!) desde criança. Nunca lá voltou, até hoje! Ballavam-lhe, porém, no fundo d'alma, essas toadas ni-

lancolicas ouvidas junto do berço, onde perpassam de leve, como que subterraneamente, longinquos rumores de boiadas, sons esparsos de engenho e de monjolo, e accordes plangentes de violões dedilhados pelos cabras, no terreiro, á luz macia do luar.

— Vamos fazer uma canção dessa modinha sertaneja? alvitrou Catullo.

Dahi a dias, tomando de emprestimo o vocabulario nortista de João Pernambuco, elle compunha o seu primeiro poema da segunda phase: "Cabôca de Caxangá". Qual de vós, ainda hoje, o não sabe todo de cór?

Cabôca de Caxangá,
minha cabôca, vem cá!

Laurindo Punga,
Chico Dunga, Zé Vicente,
essa gente tão valente
do sertão de Jatobá,
é o damnado
do afamado
Zéca Lima,
Tudo chora numa prima,
Tudo quer ti conquistá.

A musica era a que o Pernambuco trouxera! Fez furor, a "Cabôca de Caxangá"! Nilo Pecanha, presidente da Republica, levou consigo uma vez o Catullo, num passeio nocturno pela Guanabara, afim de que elle a cantasse ao luar.

Ha muito que essa idéa de luar lhe andava germinando no cerebro. Ha muito! Ora Pernambuco sabia uma toada lugente do sertão que, no dizer do antigo compositor de modinhas, scintillava, brilhava, tinha raios de lua dentro della:

Meu engenho é de Humaytá,
de Humaytá,
de Humaytá,
Meu engenho é de Humaytá,
de Humaytá,
de Humaytá,
de Humaytá!

Eu tomo o tope
no galope
galopado
ô lêlé tô assentado
na cadeira do Ingá.
Gema no peito
que eu tambem
gemo na bola
ô lêlé capim de Angóla
boa terra é beira-má.

Catullo era poeta. Poeta de raíz, poeta-nato, poeta como raros o foram no Brasil. Mas possuia um talento-femea. Seu cerebro precisava de ser fecundado para produzir. Pernambuco arranjára a musica, tinha o vocabulario, conhecia o ambiente do Gêca do Norte. Catullo compoz os versos. Que versos? Os do "Luar do Sertão".

Não ha ó gente ó não
luá como esse do sertão!
Não ha ó gente ó não
luá como esse do sertão!

Oh que saudade
do luá
da minha terra
lá na serra prateando
fólas secca pelo chão!
Esté luá
cá da cidade
tão iscuero,
não tem aquella saudade
do luá lá do sertão.

me

O VERD POR

As duas ande-
nejas de Catullo, "Caxangá" e "O luar do sertão", fizeram a sua moderna cere-
dade, foram adaptações a toadas
de João Pernambuco. Elle re-
conduziu ás esplanadas e caatin-
gas do Norte o espirito do seu
amigo. E de tal forma que, den-
tro de alguns mezes, não resta-
va mais coisa alguma do bardo
suburbano de "Flor amorosa",
"Hontem ao luar" e "Meu jurame-
nto". Morrêra o violeiro da
Piedade; surgia agora o caboclo
nordestino. Caboclo, aliás, que,
de vista, jámais conheceu o Nor-
deste!

Sempre talento-femea (essa mo-
dinha que por ultimo citei, "Meu
juramento", já elle a tirára ou-
trora de um soneto de Hermes
Fontes) porém de altissimo valor,
Catullo, inspirado embora por
outrem, escreveu, com penna de
ouro, os poemas de "Meu Ser-
tão" e "Sertão em flor", alguns
dos quaes hão de ser lidos e admi-
rados enquanto o Brasil existir.

Quem teria arrancado o seu
espirito versatil, fugitivo, do ser-
tão para onde João Pernambuco
o levára? Alguem commetteu esse
crime. E elle, talento-femea, deli-
xando-se constantemente influen-
ciar por um e por outro, escre-
veu então dois livros mediocres,
o "Evangelho das Aves" e as
"Fabulas". Depois briguei com-
migo, porque eu tive a franque-
za estúpida de lhe dizer o que
pensava sobre essas duas obras,
dignas talvez de mim, que não
valho nada, mas indignas delle,
cujo talento é genial.

Catullo é uma gloria do Bra-
sil e uma gloria de João Pernam-
buco. Embora este ultimo trou-
xesse pela vez primeira, para o
Rio, os côcos e toadas do Norte,
foi Catullo o seu maximo vulga-
rizador. Os dois completaram-se.
Pernambuco deu a Catullo o am-
biente do sertão, o vocabulario do
caboclo e as musicas das toadas.
Catullo pôz o seu grande talento
dentro disso, e foi inimitavel.

Que resta hoje desse tempo ale-
gre de outrora? Que é feito do
"Grupo do Caxangá" que Per-
nambuco fundou? Além desse ami-
go e inspirador do famoso nordesti-
no da Piedade, faziam parte do
celebre grupo carnavalesco o Fi-
xinguinha (flauta), Nola (flauta),
Bomfilio (piston), Donga (vio-
lão), Henrique Borboleta (pandei-
ro), Nelson (cavaquinho) e Antô-
nio Palmieri, — o que corria o
pires...

Tudo na vida se renova. Quan-
do os moços de agora envelhece-
rem um pouco, hão de fazer por
certo perguntas identicas ás que
eu faço hoje. Mas o que elles não
possuem (isso eu o juro, com
mais vehemencia do que outrora
o meu ex-amigo jurava na sua
modinha!) é um poeta de raça
como o autor do "Marruêro", e
um cabra que tempere o pinho
como João Pernambuco!

Gondin da Fonseca

Flavio

de 193

Mez de